

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI:  
Mudanças, impactos e perspectivas

GT 18 - Psicología Social Del Trabajo En América Latina: Identidades y procesos de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo cotidiano.

**Informalidade: Uma escolha ou falta de oportunidade**

Virna Sancho Nascimento<sup>1</sup>  
Rebeca Moreira Rangel<sup>2</sup>  
Ana Cristina Martins Batista<sup>3</sup>  
Elayne de Sousa Carvalho e Oliveira<sup>1</sup>  
Tereza Glaucia Rocha Matos<sup>4</sup>  
Luciana Maria Maia Viana<sup>4</sup>

RESUMO

A informalidade é vista como um problema sócio econômico, pois os trabalhadores informais estão desprotegidos pelas leis trabalhistas. Ela está diretamente associada à pobreza, à baixa escolaridade, a uma forma miserável de sobrevivência e à marginalidade. Apesar da ligação da informalidade com o processo de precarização do trabalho, ela pode ser uma situação laboral desejada. O objetivo deste trabalho é verificar como ocorre a inserção do trabalhador no mercado informal. Foi realizada uma pesquisa qualitativa baseada na técnica de história de vida. Constatou-se que os trabalhadores informais, donos de negócio, optam pela informalidade por influência de amigos ou família; por ganharem mais do que na formalidade; por terem mais flexibilidade de horário, apesar de trabalhar mais; e por não terem patrão. Os empregados informais percebem a informalidade como sua única forma de sobrevivência, se tornam trabalhadores informais por falta de opção, por não conseguirem se inserir no mercado formal e pela baixa qualificação.

Palavras Chaves: Informalidade, Escolha profissional, História de vida.

- (1) Psicóloga, Mestranda Universidade de Fortaleza
- (2) Psicóloga, Laboratório de Estudos do Trabalho
- (3) Fonoaudióloga, Mestranda Universidade de Fortaleza
- (4) Psicóloga, Doutora, Universidade de Fortaleza

## INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990 verificou-se um crescimento da informalidade no mercado de trabalho no Brasil, sobretudo, em virtude das transformações na estrutura produtiva (Durães, 2002), relacionadas ao aumento da flexibilização e da informalização da produção e das relações de trabalho. Essas transformações trouxeram como principais consequências a diminuição de postos de trabalho, o aumento de desemprego e a precarização das relações trabalhistas (Antunes, 1998; 1999). Diante desse contexto, a informalidade tem se destacado nos debates sobre o mercado de trabalho, sobretudo, quando se relaciona esse tema à desigualdade e à pobreza (Feijo, 2011).

A noção de informalidade tem sua origem em estudos da Organização Mundial do Trabalho (OIT), que foram desenvolvidos em países da África, na década de 1970. Na ocasião, o termo *setor informal* foi utilizado para se referir a propriedades familiares, cujas atividades eram desenvolvidas com recursos próprios; com produção em pequena escala; que faziam uso intensivo do fator trabalho e de tecnologia adaptada; onde os trabalhadores eram qualificados fora do sistema escolar de ensino; e cuja participação no mercado não era regulamentada pelo Estado (Cacciamali, 2000).

Desde então, diversos autores têm discutido a ideia de informalidade, buscando delimitá-la a partir de diferentes perspectivas, muitas vezes, para se referirem a fenômenos distintos (Noronha, 2003). O IBGE (2003) define que pertencem ao setor informal as unidades econômicas de propriedade de trabalhadores por conta própria e de empregadores com até cinco empregados, moradores de áreas urbanas, sejam elas a atividade principal de seus proprietários ou atividades secundárias.

Informações extraídas da última pesquisa divulgada pelo IBGE<sup>1</sup>, realizada em 2003, sobre a economia informal urbana, apontam que o comércio está entre as atividades econômicas preponderantes (33%). Entre as pessoas ocupadas nas empresas do setor informal, a maioria é formada por trabalhadores por conta própria (69%). Os trabalhadores informais foram trabalhar no empreendimento por meio de relações pessoais (81%). Outros motivos apresentados que se destacam: *Falta de emprego; Horário flexível; Independência*. Em relação à jornada de trabalho, 67% trabalhou de 21 a 30 dias no mês e a maioria, 44%, tinha uma jornada de 40 a 60 horas por semana, sendo 8% a participação daqueles que trabalhavam mais de 60 horas por semana. Dados

---

<sup>1</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/default.shtm>.

dessa pesquisa ainda indicam que a grande parte desses trabalhadores, tinha o primeiro grau incompleto.

Em uma perspectiva econômica e social, os estudos apontam relação entre trabalho informal e fenômenos da pobreza e da desigualdade na distribuição de renda (Rosenbluth, 1994). Sobre essa relação, embora a afirmação mereça cautela, dados recentes de pesquisa indicam que, na última década, houve uma queda na taxa de informalidade<sup>2</sup> no Brasil, de 43,6% em 2002 para 37,4% em 2009. Esses dados, que parecem estar relacionados a indicadores da política econômica nacional, embora animadores devem ser analisados com atenção, sobretudo, quando se constata que há uma relação entre informalidade, baixa escolaridade e pouco tempo de experiência no mercado de trabalho; sem falar que esse grupo de trabalhadores não possui carteira de trabalho e não goza de direitos trabalhistas assegurados (Barbosa Filho & Moura, 2012), o que parece sugerir que os trabalhadores informais se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Neste artigo, considerando a diversidade de ocupações que podem ser categorizadas como trabalho informal, interessa discutir algumas especificidades do trabalho em feiras de roupas. A feira livre é uma forma de comércio bem anterior à industrialização e apesar de séculos de existência, esta mantém nos dias atuais muito de suas características originais decorrente do fato de ser um espaço multidimensional em que trabalho, arte e sociabilidade se entrelaçam (Sato, 2007). As feiras possuem uma grande diversidade de produtos que são comercializados nas barracas, no chão, ou através dos vendedores ambulantes e que não se destinam apenas a população local, mas também a vários outros municípios e regiões. No Nordeste, as feiras de confecções têm grande importância para os núcleos urbanos, mas também para os principais centros regionais (Dantas, 2008).

A Feira José Avelino localiza-se no centro da cidade de Fortaleza e é hoje a maior geradora de emprego informal do estado do Ceará, sendo a maior feira ao ar livre de confecções do Estado, e uma das maiores do Nordeste, com uma média de oito mil vendedores. Atrai compradores de vários estados do Brasil como Piauí, Maranhão, Pará, Manaus dentro outros, como também países como Cabo Verde, Porto Príncipe e Guiana Francesa (Chaves, 2012). A feira ocorre durante as madrugadas da quarta para quinta-feira, domingo durante todo o dia e noite e segunda-feira pela manhã, chegando a

---

<sup>2</sup> Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) para os anos de 2001 a 2009.

receber na alta estação até 20.000 pessoas. Essa aglomeração de pessoas de várias localidades faz da feira um espaço de efervescência social que modifica, mesmo que seja por pouco tempo, a visão e o dinamismo da cidade.

A Feira José Avelino não possui estrutura para expor as confecções, muitos vendedores ocupam parte da pista destinada aos carros e ônibus com lonas e barracas, prejudicando assim o fluxo normal de veículos. Apesar do transtorno, a feira é uma opção para muitos trabalhadores que estão sem emprego. Já que qualquer pessoa pode vender sua mercadoria, tanto no meio da rua como dentro dos galpões, alugando uma banca lá dentro.

Esse trabalho tem por objetivo verificar como se dá a inserção do trabalhador no contexto da feira José Avelino.

## **MÉTODO**

Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, na qual os dados foram coletados através da técnica História de Vida. A História de Vida é vista como uma entrevista em profundidade, na qual o pesquisador interage constantemente com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações (Minayo, 1993). As experiências relatadas consistem em um material precioso para análise, que são o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual (Boni & Quaresma, 2005).

Os participantes foram selecionados de forma intencional, de acordo com sua disponibilidade e a conveniência dos pesquisadores. Participaram trabalhadores informais da Feira José Avelino, sendo três homens e sete mulheres, dos quais, um estudou até a 3 série do ensino fundamental, quatro terminaram o ensino fundamental, dois cursaram o ensino técnico e um está cursando o ensino superior. Sete dos entrevistados são casados, duas vivem com companheiro e uma é viúva. A idade dos entrevistados variou de 30 a 61 anos, sendo a idade média de 46 anos e 11 meses.

As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas. Este material foi analisado através da técnica análise de conteúdo (Bauer & Gaskell 2000).

## **RESULTADOS**

Em relação à inserção do trabalhador no contexto da feira de roupa José Avelino, foram identificadas 3 categorias principais: (1) Socialização no ambiente da informalidade / Vantagens percebidas nesse contexto; (2) Desvantagens da informalidade; (3)

Dificuldade de ingresso no mercado formal em função de características do trabalhador. Na primeira categoria – *Socialização no ambiente da informalidade / Vantagens percebidas nesse contexto* – o discurso da maioria dos entrevistados foi a preferência pelo trabalho informal, por terem sido socializados na informalidade. Por outro lado, apareceram discursos que justificam a entrada na informalidade pela percepção de maior autonomia, maior flexibilidade de horários; ausência de normas insitucionais formais. Os trabalhadores também apontaram como vantagem poderem ter uma vida social e acompanhar o desenvolvimento dos filhos, além de obterem uma renda maior, comparada à renda obtida no setor formal. Assim, pressupõe-se que os sujeitos se sentem mais livres e donos da própria rotina de trabalho e com maior poder aquisitivo. Esses resultados, de uma forma geral, corroboram pesquisas anteriores (IBGE, 2003; Rosenbluth, 1994).

Ainda que os entrevistados relatem muitas vantagens no trabalho informal, foram pontuadas também as desvantagens. Esses conteúdos foram agrupados na segunda categoria – *Desvantagens da informalidade* – que reúne discursos que se referem à necessidade de mais dedicação, inclusive de carga horária, para suprir a demanda; mais desgaste físico e emocional, decorrente do aumento das responsabilidades inerentes aos proprietários e das exigências do mercado formal.

A terceira categoria *Dificuldade de ingresso no mercado formal em função de características do trabalhador* reuniu, sobretudo, discursos sobre o aumento das exigências para esse ingresso e da dificuldade em função da idade, nível educacional e de formação. A percepção desses trabalhadores está em consonância com dados do IBGE (2003) que indicam que as pessoas que estão na informalidade são, em sua maioria, mais velhas e com nível de escolaridade mais baixo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os discursos encontrados nessa pesquisa sugerem que os trabalhadores foram empurrados para o trabalho na Feira José Avelino, sobretudo, em decorrência da falta de oportunidades no setor formal e da influência da tradição de familiares que atuavam no comércio informal. Inseridos nessa informalidade, eles reconhecem tanto aspectos positivos, como aspectos negativos dessa experiência.

Quando se analisa os discursos encontrados nessa pesquisa e os dados oficiais, conclui-se que não se pode falar em escolha racional, uma vez que são sobretudo aqueles com menor escolaridade e menor tempo de experiência que estão na informalidade, portanto

com menos condições de buscar um emprego e um salário digno no mercado formal. Por outro lado, os discursos sobre as condições e características do trabalho na feira parecem sugerir que esses trabalhadores precisam valorizar essa experiência como única oportunidade de sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

- Antunes, R. (1998). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Barbosa Filho, F; Moura, R. (2012). *Evolução recente da informalidade no Brasil: uma análise segundo características da oferta e demanda de trabalho*. Texto para Discussão, 17. Rio de Janeiro: IBRE / FGV.
- Bauer, M. W.; Gaskell, G. (2000). *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som*. Petropolis: Editora Vozes.
- Boni, V.; Quaresma, J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Cacciamali, M. C. (2000). Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade, Campinas*, (14), 153-174.
- Chaves, R.(2012). Cidade Ambulante. *Universidade Pública*, 66: 32-35.
- Dantas, G. P. G. (2008). Feiras no Nordeste. *Mecator-Revista de Geografia da UFC*, 13: 87-101.
- Durães, B. J. R. (2002). Trabalho informal: um paralelo entre os trabalhadores de rua da cidade de Salvador no século XIX e no século XXI. *Caderno CRH, Salvador*, 37 (2): 289-308.
- Feijo, C. A. (2011). Desvendando a heterogeneidade do setor informal brasileiro: uma contribuição à discussão de políticas públicas de combate a informalidade. *Revista de Economia Contemporânea, Rio de Janeiro*, (13) 2, 329-354.
- IBGE (2003). *Pesquisa Sobre Economia Informal Urbana - 2003*. Internet: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/default.shtm>.
- Minayo, M. C. S. (1993). *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco.
- Noronha, E. G. (2003). Informal, ilegal, injusto, percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (18)53, 111-129.
- Rosenbluth, G. (1994). Informalidad y pobreza en América Latina. *Revista de la CEPAL*, 52.
- Sato, L. (2007). Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade*, 19(Ed Esp 1), 95–102.